

ENSINO DE HISTÓRIA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: DESAFIOS EM CONTEXTOS PLURAIS

Marinete Aparecida Zacharias Rodrigues¹

RESUMO

Conhecimento científico e formação continuada são elementos intrínsecos à produção do saber escolar, o qual se transforma com a inserção de novas tecnologias, metodologias e políticas públicas que propõem melhorar a Educação e qualificar os profissionais que atuam na Educação Básica. O objetivo deste artigo é apresentar uma reflexão sobre o ensino de história e a formação continuada de professores que ministram conteúdos de História na Educação Básica em contextos plurais. Procuo refletir sobre as práticas de sala de aula dos professores/alunos do Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória), que atuam nas escolas e com as experiências relatadas pelo professores/participantes do projeto de extensão “Curso de Aperfeiçoamento para Professores de História da Educação Básica”, ofertado na unidade universitária de Amambai/UEMS. A problematização da práxis pedagógica dos envolvidos passa por duas questões básicas: a importância da prática de ensino na valorização da disciplina de História entre os alunos da Educação Básica e a relevância dos cursos de formação continuada e do Mestrado Profissional em Ensino de História para o exercício da docência na Educação Básica. Nesta perspectiva, cabe ressaltar que o conhecimento científico apreendido com as aulas do mestrado e com o curso de formação continuada tem contribuído para inovar as atividades do fazer e ensinar história, tornando a prática de sala de aula mais dinâmica e democrática tendo em vista os desafios que se descortinam diante das demandas educacionais, sociais, políticas e econômicas impostas pela nova ordem mundial na organização do trabalho na Educação.

Palavras-chave: História. Educação básica. Mestrado. Experiência profissional. ProfHistória.

¹Graduada em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Doutora em Ciências pelo Programa História Social, da Universidade do Estado de São Paulo (USP), Mestre em História pela Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Assis/SP (UNESP). Docente Adjunta T1 no Curso de História e Coordenadora do Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória/UEMS, nas Unidades Universitária de Amambai e Campo Grande. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Mato Grosso do Sul. Brasil. E-mail: marinetezacharias@hotmail.com

HISTORY TEACHING AND TEACHER TRAINING: CHALLENGES IN PLURAL CONTEXTS

ABSTRACT

Scientific knowledge and continuing education are intrinsic elements to the production of school knowledge, which is transformed by the insertion of new technologies, methodologies and public policies that propose to improve Education and qualify the professionals who work in Basic Education. The aim of this article is to present a reflection on the teaching of history and the continuing education of teachers who teach history content in basic education in plural contexts. I try to reflect on the classroom practices of teachers / students of the Professional Master in History Teaching (ProfHistória), who work in schools and with the experiences reported by the teachers / participants of the extension project "Improvement Course for History Teachers of Basic Education", offered at the university unit of Amambai / UEMS. The problematization of the pedagogical praxis of those involved goes through two basic questions: the importance of the teaching practice in the valorization of the History discipline among the Basic Education students and the relevance of the continuing education courses and the Professional Master in History Teaching for the exercise. of teaching in basic education. In this perspective, it is noteworthy that the scientific knowledge apprehended with the master's classes and the continuing education course has contributed to innovate the activities of making and teaching history, making the classroom practice more dynamic and democratic in view of the challenges. which unfold in the face of the educational, social, political and economic demands imposed by the new world order on the organization of work in education.

Keywords: History. Basic education. Master's degree. Professional experience. ProfHistory.

1 INTRODUÇÃO

As mudanças ocorridas no campo da História durante o século XX impactaram nas formas de se escrever e ensinar História. Aquela história com a função de servir de mestra da vida, ou como testemunho entre os homens e seus deuses estava abolida para os historiadores, que procuraram a partir de então repensar questões como narrativa, ciência e contextos, novos objetos, problemas e abordagens, mas também a relação entre ensino e história. Neste repensar passaram a destacar a importância das múltiplas interpretações para um mesmo "fato histórico" relacionado com as diferentes possibilidades que os documentos apresentam para análise. Com as transformações que aconteceram também nas

pesquisas, ampliaram-se os debates historiográficos acerca do ensino na disciplina histórica.

Assim, no campo do ensino de história novos desafios foram sendo colocados para os profissionais que ministravam os conteúdos de história na Educação Básica, pois o ensino na sala de aula não poderia ignorar as mudanças apresentadas com as pesquisas que surgiam em contexto de inovação de saberes e práticas. Considerando a importância do debate sobre o ensino de história em seus desdobramentos singulares, o objetivo deste artigo é apresentar uma reflexão sobre questões que envolvem o ensino de história e a formação continuada relacionados aos desafios enfrentados pelos professores que ensinam os conteúdos históricos na Educação Básica em contextos plurais. Para esta análise selecionei as experiências de sala de aula dos professores que atuam na disciplina de história na Educação Básica e como alunos do Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória, complementando a proposta apresento também aspectos relevantes sobre a concepção e desenvolvimento do Curso de Aperfeiçoamento para Professores de História da Educação Básica, ofertado na Unidade Universitária de Amambai/UEMS, de março a setembro de 2019.

Vale salientar que muitos desses professores/mestrandos ministram os conteúdos organizados e referendados pela legislação vigente e pelo conhecimento científico adquirido nos cursos de graduação, mas também pelos saberes escolares mobilizados na trajetória profissional, o que tem lhes dá lastro para inovar suas próprias práticas conforme o desenvolvimento cognitivo de cada turma. Também procuro demonstrar que a formação continuada oferta por meio do Curso de Aperfeiçoamento e do Mestrado Profissional em Ensino de História - ProfHistória tem contribuído para inovar as metodologias de ensino e a didática da história, renovando as atividades do fazer e ensinar história nas salas de aula na Educação, tornando-as mais dinâmicas e democráticas com vista aos desafios que se descortinam diante das demandas educacionais, profissionais, sociais, políticas, e econômicas impostas por uma nova ordem mundial na organização do trabalho. Os mestrandos relatam que os estudos teóricos nas disciplinas do ProfHistória tem contribuído para dinamizar o ensino dos conteúdos de história na Educação Básica. Com as pesquisas e debates teórico-metodológicas desenvolvidas

[...] ao longo de dois anos de reflexões proporcionadas pelo ProfHistória, novas janelas foram se abrindo e nos permitiram enxergar diferentes horizontes. Dialogar sobre desafios, competências e possibilidades no ensino de História para crianças e compreender suas nuances se torna imperativo para o aperfeiçoamento do ensino, propondo mudanças necessárias e o intercâmbio de informações entre as etapas educacionais, a fim de contribuir para o desenvolvimento e aprendizagem dos alunos e também para o trabalho e a formação docente. (VEDOVOTO, 2018, p.15)

Afinal vivemos um tempo de mudanças em contextos plurais onde prevalecem as desigualdades em escala planetária. Portanto como enfatizou Edgar Morin (2003):

Tornou-se vital conhecer o destino planetário em que vivemos, tentar perceber o caos dos acontecimentos, interações e retroações nos quais se misturam os processos econômicos, políticos, sociais, étnicos, religiosos, mitológicos que tecem esse destino. Tornou-se igualmente vital saber quem somos, o que nos atinge, o que nos determina, o que nos ameaça, nos esclarece, nos previne e o que talvez possa nos salvar (2003, p.11)

Esse conhecer implica em religar os sistemas de ensino e de conhecimentos, pois só assim vamos conseguir conectar e revelar as diferentes dimensões de um mesmo problema (MORIN, 2003, p. 12). Portanto, nesse fazer a educação tem papel fundamental como o de pensar as mudanças necessárias para o ensino em contextos plurais, que se modificam impulsionados pelas demandas econômicas, educacionais, políticas, jurídicas e culturais.

O passado é nossa referência para compreender que, até chegarmos as condições atuais do ensino de história com a disciplina de história, enfrentamos um percurso com muitos desafios, que ora apresentavam resultados positivos, ora negativos, a trajetória de uma disciplina marcada por confrontos e tensões, “transformou-se em uma disciplina alinhada à função primordial de uma formação para a cidadania participativa” (BITTENCOURT, 2018, p. 127).

Dessa forma, pode-se afirmar que as transformações no campo da História, e no ensino de história, em especial, tem contribuído para tornar o cidadão mais crítico, propositivo e participativo no que diz respeito as questões socioeconômicas, ideológicas e políticas do presente, cujos subsídios, em muitos casos, são o passado recente ou remoto.

Vale lembrar que em determinado momento deste processo a história serviu para legitimar as construções eurocêntricas que definiram alguns povos como

subdesenvolvidos, atrasados ou sem história e outros como desenvolvidos e superiores. A recusa desta “forma de se fazer história contribuiu para inaugurar um novo tipo de história que fosse válida para todos os povos da terra, [...]: todos os homens e todas as mulheres” (FONTANA, 2003, p. 17). A História tornou visível as massas, as minorias, aqueles objetos que não faziam parte das pesquisas e narrativas históricas até início do século XX. Assim, com os novas abordagens, novos problemas e novos objetos (LE GOFF, NORA, 1974) a História vem abandonando o discurso etnocêntrico e eurocêntrico em favor de um mais pluralista e dinâmico.

Diante, portanto, das transformações no campo da ciência da história surgiram novos temas nas pesquisas e novas perspectivas para o ensino de história, transformando o “fazer” em sala de aula num exercício mais complexo do que aquele proposto pelo positivismo. Não bastava apenas enumerar os fatos históricos de uma História política dos vencedores, era preciso questionar e encontrar as respostas para compreender os acontecimentos em seus contextos temporais. Para realizar esta tarefa o professor precisou inovar as metodologias de ensino de história e o fez associando as experiências práticas com a formação científica inicial adquirida nas Universidades, nos cursos de graduação. Rompendo, portanto com

[...] o modelo diretivo ‘tradicional’, que privilegia a relação professor-saber, como naquele não-diretivo, que privilegia a relação aluno-saber, o saber não é questionado. Por outro lado, as pedagogias não-libertadoras, que radicalmente assumiam o questionamento de saberes dominantes e valorizavam os saberes populares em nome da libertação ou emancipação dos grupos dominados, levaram em alguns casos, a um esvaziamento da dimensão cognitiva do ensino que, muitas vezes se restringiu a reproduzir o senso comum, com consequência perversas para os grupos subalternos que pretendiam libertar (MONTEIRO, p. 21),

Ante as incertezas correntes nas sociedades contemporâneas, marcadas por profundos dilemas sociais, onde a diversidade cultural se tornou o foco para a implementação de políticas públicas e programas educacionais, os professores de história que atuam na Educação Básica tem carecido de cursos de formação continuada que reflitam e contribuam para orientar sobre quais saberes ou conteúdos privilegiar no ensino de história na Educação Básica. Embora existam os Referenciais Curriculares e os Parâmetros Curriculares Nacionais para subsidiar tais

escolhas o professor vivencia o dilema de definir qual conteúdo é mais importante para sua turma considerando as especificidades locais e regionais. Assim,

As diretrizes educacionais e a escolha das novas formas de abordagem do ensino dos conteúdos, dentre eles os históricos, resultadas dessas discussões possivelmente foram sintetizadas com a promulgação da LDB em 1996 e posteriormente o lançamento dos PCNs que passaram a nortear o currículo nacional e que apesar das modificações, ainda são utilizados como referência (VEDOVOTO, 2018, p. 30)

Estas diretrizes educacionais norteiam o trabalho do professor, mas não respondem pelos impasses e dúvidas que surgem no dia a dia das salas de aula. Cabe ao professor mediar os elementos que formam o processo ensino aprendizagem em sala de aula, desde o que propõe as diretrizes educacionais e as escolas até os conteúdos e saberes mobilizados por eles e pelos alunos as ações são pensadas para atender determinados objetivos, interesses e demandas sociais. O professor não está sozinho neste mister, a escola teve e tem papel fundamental no processo de orientação das mudanças e de renovação de propósitos de inovação para o ensino de história e demais disciplinas que compõem os currículos escolares.

Assim, importa ressaltar que com a valorização da Educação, a escola passou a ter um papel cada vez mais relevante dentro e para a sociedade brasileira. Os governos tiveram que criar novas políticas públicas e programas para atender as demandas educacionais, que desde muitas décadas se mantinham nas pautas dos debates sem solução, dentre outras, se destacavam: acabar com o analfabetismo, ampliar o número de vagas nas escolas e criar condições para formar cidadãos consciente de suas potencialidades e de seu papel social nas transformações da sociedade.

Nesse fazer/ensinar o professor se tornou o agente principal para tornar a Educação o mecanismo das mudanças pretendidas, ainda que sem grandes investimentos financeiros em recursos humanos e tecnológicos. Embora se tenha ampliado as vagas nas Universidades para atender uma demanda voltada à formação de professores em licenciaturas, nos anos subsequentes aprovação da LDB, continuamos com poucos investimentos nos cursos de licenciaturas na área das humanidades e nas pesquisas científicas. Há muitas décadas que a falta de boas bibliotecas, com exemplares da historiografia clássica e daquelas mais atuais,

de tecnologias facilitadoras para o ensino/aprendizagem comprometem o trabalho do professor de história na Educação Básica. A carência dessa historiografia comprometia e compromete o desenvolvimento do ensino da disciplina de história. Além disso, desenvolver pesquisas, ainda que seja no ensino fundamental e médio sem ter o mínimo necessário para as leituras, tem sido uma tarefa hercúlea para os profissionais que atuam na área de História na Educação Básica. Desde a criação da Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) em 1996, o professor vem perdendo sua autonomia dentro da escola, esta tendência se intensificou nas últimas décadas em função de um modelo que prioriza a ordem capitalista globalizada:

Uma primeira consequência desse modelo imposto externamente reside na perda do poder dos professores na organização das suas aulas assim como seu o poder de criação, de adaptações metodológicas e mesmo de opções de materiais didáticos diante de uma realidade educacional caracterizada por uma enorme diferenciação cultural e socioeconômica nas salas de cursos noturnos, de Educação de Jovens e Adultos [...] (BITTENCOURT, 2018, p. 143)

Além disso, cabe ainda destacar que o nem todas a escolas públicas de Educação Básica possuem computadores para atender os alunos em sala de aula, ou uma biblioteca atualizada para servir de referência aos professores de história, em sua maioria os acervos acumulam livros didáticos e paradidáticos desatualizados. O acesso aos livros de história e as tecnologias são essenciais para o pleno desenvolvimento do processo de ensino/aprendizagem escolar, mas também para a valorização do papel social dos historiadores e da história.

Ainda que os professores da Educação Básica encontrem dificuldades para ter acesso aos resultados das pesquisas acadêmicas, o que se observa para a década pós 1980, é uma preocupação com os conteúdos a serem ensinados na disciplina de História. Neste período e no que se seguiram, os professores passaram a se perguntar quais perspectivas e problemas deveriam ser selecionados para realizar a tarefa de tornar a história um conhecimento valorizado e importante para formar convicções e opiniões sobre os diferentes contextos das sociedades atuais? Por que ensinar e aprender História? As discussões, ao longo da década de 80 e 90 do século XX, apontavam para diferentes direções, uma vez que todos os professores passaram a ter como parâmetro a Lei Nº 9.394 de 20 de dezembro de

1996, denominada como Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Na Lei está contido um dos princípios básicos da Educação Nacional que é a “garantia do direito à educação e à aprendizagem ao longo da vida” (BRASIL, 1996). Adentramos o século XXI sem grandes mudanças na formação de professores da Educação Básica para o ensino de História.

Parte da demanda de formação continuada vem sendo ofertada em cursos de curta duração que visam atender “as necessidades relacionadas ao desejo de incremento dos saberes docentes” (SANTOS, 2018, p. 84) dos próprios professores da Educação Básica. Estes cursos podem ser ofertados no modo presencial ou à distância. Ambas as modalidades enunciam uma preocupação comum: em que medida tais cursos podem contribuir para introduzir novos elementos metodológicos às práticas de ensino na sala de aula na disciplina de História? Até que ponto os cursos podem corroborar a necessidade de mudanças das metodologias do ensino de história para o professor da Educação Básica? Estas questões não são exclusivismo dos cursos de formação de curta duração, elas também perpassam os objetivos do Mestrado Profissional em Ensino de História.

Assim, as demandas por cursar um Mestrado Profissional em Ensino de História e participar dos cursos de formação continuada deveria ser, necessariamente aquele momento em que o professor pode dispor de seu tempo para aprofundar o conhecimento e atualizar os conteúdos da disciplina científica de história; incorporar novos conhecimentos sobre as tecnologias; aprimorar sua didática e metodologias de ensino; e também reavaliar os métodos de avaliação da aprendizagem e de desenvolvimento de competência sócio emocionais dos alunos. O mestrado e a formação continuada contribui para o aperfeiçoamento do trabalho docente em sala de aula e para a construção da consciência histórica de alunos e professores.

2 CONSCIÊNCIA HISTÓRICA E ENSINO DE HISTÓRIA

O Mestrado Profissional em Ensino de História teve início em 2014, com a adesão de doze (12) núcleos ao Programa ofertado em rede nacional. Em 2015 novo edital permitiu a criação de mais dezoito (18) novos Mestrados e dentre as propostas aprovadas estava a da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

(UEMS), implementado na Unidade Universitária de Amambai, único em MS até o momento. Desde o início os professores/mestrandos que participam do programa têm sido motivados a diversificar as metodologias para o ensino dos conteúdos da disciplina histórica em que atuam como professores da Educação Básica. Como parte do processo ensino/aprendizagem, enquanto aluno/mestrando e professor/mestrando, eles têm como tarefa a mediação do processo de aprendizagem entre teoria, práxis e pesquisa, tanto no que diz respeito à produção do seu conhecimento histórico como do conhecimento de seus alunos na Educação Básica. Assim temos um “laboratório de práticas de ensino” disponível cotidianamente para interpretar, analisar e aprofundar os debates sobre as questões que permeiam o ensino de história na Educação Básica, em Mato Grosso do Sul e no Brasil. Vivendo em diferentes contextos profissionais, socioeconômicos, culturais e políticos, os professores/mestrandos nos brindam com a diversidade que existe nas formas de se praticar o ensino de história em escolas urbanas localizadas na fronteira Brasil Paraguai, nas Aldeias Indígenas, nos Assentamentos Rurais, ou seja, em contextos plurais onde a diversidade étnico-racial e cultural contribuem para que estes professores/mestrandos possam compartilhar entre si novos saberes mobilizados com a prática de ensino. Os encontros na sala de aula do ProfHistória têm criado a oportunidade para que estes professores/mestrandos possam comparar e discutir os problemas enfrentados no dia a dia das salas de aula na Educação Básica.

Dentre as dificuldades apontadas pelos mestrandos/professores da Educação Básica sobre o ensino de história alguns se destacam pela recorrência com aparecem nas preocupações dos professores/mestrandos, a saber, a dificuldade em fazer o aluno da Educação Básica valorizar e se interessar pelo conhecimento histórico. Normalmente chegam no mestrado com os seguintes questionamentos: como explicar aos alunos por que estudar História, ou por que conhecer o passado se o mais importante é o presente? O que fazer para despertar a consciência histórica dos alunos, já que a mesma “constitui-se mediante a operação, genérica e elementar da vida prática, do narrar, com a qual os homens orientam seu agir e sofrer no tempo” (RUSEN, 2001, p.66). Um agir que se configura para os alunos da Educação Básica como algo abstrato, sem vínculos com a vida prática, um algo inexistente. Estamos falando de um tempo que para eles se traduz sempre em

presente, já que o passado é algo dado e morto, desvinculado de sua experiência de vida, portanto sem valor para a vida moderna.

Hoje, mais do que ontem, os alunos vivem sob a tutela do “presenteísmo”, ou seja, “um presente onipresente, onipotente, que se impõe como único horizonte possível e que valoriza só o imediatismo” (HARTOG, 2003, p. 15). Isto talvez ocorra porque na falta de um referencial histórico desde os primeiros anos escolares, o aluno não se percebe como sujeito histórico passível de ações que contribuam para transformar a realidade em que vive. Como não possui um sentido de experiência no tempo, pois ainda não domina a historicidade, que é segundo Cerri “a própria condição da existência humana, é algo que nos constitui enquanto espécie” (2011, p.30), o aluno se deixa seduzir pelo que oferece o tempo presente, um agir sem vínculos com o passado ou o futuro e sem responsabilidades com a preservação da memória coletiva e histórica.

Então por que ensinar e aprender história? Para uma melhor compreensão restringimos o ato de ensinar como sendo a função do professor em sala de aula, e o aprender para o aluno como partícipe do processo ensino/aprendizagem. Sabemos que o ensinar e o aprender são parte de um mesmo movimento, que tem como base a consciência histórica, que é, segundo Jörn Rüsen (2010), “ao mesmo tempo o campo de ação e o objetivo da aprendizagem histórica” (p. 112), que por sua vez se traduz como:

[...] a atividade mental da memória histórica, que tem sua representação em uma interpretação da experiência do passado encaminhada de maneira a compreender as atuais condições de vida e a desenvolver perspectivas de futuro na vida prática conforme a experiência (RÜSEN, 2010, p.112)

Nesta perspectiva, observo que cabe ao professor fazer a mediação entre um saber científico da história, adquirido com a disciplina científica de história, a partir das pesquisas e análises historiográficas e aquele conhecimento aprendido no cotidiano, que Cerri (2010) denominou como conhecimento das massas sobre a história. Partindo do pressuposto de que o aluno é um sujeito “vazio” o professor fica incumbido de preenche-lo com seu conhecimento científico. Nesse modelo o professor apenas impõe um saber especializado sobre um não saber. Debatido e questionado pelos professores de história e historiadores este modelo se tornou

inapropriado para o ensino de história, uma vez que, a consciência histórica é parte de um processo que envolve as várias dimensões da vida humana o professor deve fornecer conhecimento e saberes escolares para que o aluno possa construir sua própria interpretação das experiências do passado e assim desenvolver e aperfeiçoar sua consciência histórica, favorecendo com isso o fortalecimento da identidade coletiva do grupo de contato. Mudar o modelo tradicional de ensinar história na Educação Básica tem sido uma tarefa bastante complexa e arenosa, pois a cada nova mudança nos parâmetros curriculares que regulam o ensino, a disciplina de História vem perdendo, em especial na Educação Básica, parte da carga horária, componentes curriculares e interesse.

Assim, convém lembrar alguns pontos sobre a importância da História para a formação da identidade cuja base está na atividade mental da memória histórica que é a consciência histórica de um indivíduo, grupo ou sociedade, “que tem sua representação em uma interpretação da experiência do passado encaminhada de maneira a compreender as atuais condições de vida e a desenvolver perspectivas de futuro na vida prática conforme a experiência” (RÜSEN, 2010, p. 112). Por meio do ensino de História o professor contribui para a formação das identidades de seus alunos e da identidade coletiva do grupo. Para tanto os professores precisam estar aptos a desenvolver os conteúdos em suas aulas de maneira crítica, referendados por um conhecimento científico atualizado, caso contrário, muitos deles continuarão reforçando práticas positivista e ideológicas.

Nem todos os professores conseguem perceber que a História e, mais especificamente a consciência histórica são inerentes a vida prática dos alunos, e que esse “agir humano é, em seu cerne, histórico” (RUSEN, 2001, p. 79). Dessa forma, a aprendizagem da história contribui para desenvolver tanto no professor quanto em seu aluno competências da memória histórica, que serve para organizar uma ordem cronológica, a qual servirá para dar coerência entre passado, presente e futuro, permitindo, segundo Rüsen (2010), que cada um organize sua própria experiência de vida no tempo.

As discussões entre os professores da Educação Básica sobre formação continuada mostram que o aperfeiçoamento e a atualização do conhecimento científico da História precisam ser realizados a partir de oportunidades em cursos de mestrado e de formação continuada, que realmente tragam os resultados mais

recentes produzidos pelas pesquisas e pela historiografia, que apresentem novas sugestões e alternativas para o ensino de História para além do livro didático, que é uma ferramenta valiosa para o professor, mas bastante restritiva no que diz respeito ao desenvolvimento das competências perceptiva, interpretativa e de orientação.

As três operações – perceptiva, interpretativa e de orientação - fornecem os elementos necessários para o desenvolvimento da consciência histórica. Para Rüsen (2010) é a partir das percepções que os homens interpretam e orientam suas experiências no tempo, fabricando e modificando suas ações, opiniões e decisões conforme as necessidades que tem o indivíduo, o grupo e a sociedade. Saber perceber o passado, interpretar e articular o passado com as experiências de vida amplia a compreensão do sentido da História e da importância do agir humano em sociedade. “É um processo em que o passado é interpretado à luz do presente e na expectativa do futuro, seja ele distante ou imediato” (CERRI, p. 29). Assim sendo, convém observar que “a consciência histórica pressupõe o indivíduo existindo em grupo, tomando-se em referência aos demais, de modo que a percepção e a significação do tempo só podem ser coletivas” (CERRI, 2011, p. 30).

Também é importante salientar a importância que vem adquirindo as tecnologias no ambiente escolar, mais precisamente para o ensino de história na Educação Básica. Diante de tantas inovações tecnológicas é necessário criar novos instrumentos analíticos que permitam ao professor e ao aluno interpretar as informações e conteúdos disponíveis na mídia e em redes sociais, muitos, inclusive, com narrativas e discursos históricos totalmente deformados por ideologias e falta de conhecimento científico.

Perrenoud (2000) argumenta que precisamos ensinar o aluno a explorar os recursos tecnológicos em prol do desenvolvimento de competências e domínio das estruturas conceituais. Nessa perspectiva, torna-se imprescindível incorporar ao processo ensino-aprendizagem a ideia de que:

Formar para novas tecnologias é formar o julgamento, o senso crítico, o pensamento hipotético e dedutivo, as faculdades de observação e de pesquisa, a imaginação, a capacidade de memorizar e classificar, a leituras e a análise de textos e de imagens, a representação de redes, de procedimentos e de estratégias de comunicação (PERRENOUD, 2000, p. 126).

Para enfrentar tais questões o professor de história tem buscado a partir de cursos de qualificação na pós-graduação e de formação continuada, em Mato Grosso do Sul, desenvolver e inovar competências que possibilitam a ele selecionar conteúdos e metodologias, criar novas formas didáticas para interagir, orientar e transferir conhecimentos da disciplina de história. Toda essa dinâmica o obriga a se manter atualizado e informado sobre sua área de atuação na escola. É nesse “fazer docente” cotidiano, repleto de contradições, que surgem as disparidades socioeconômicas e as defasagens de aprendizagem sobre os conteúdos históricos. Cabe, portanto, ao professor mediar não apenas o processo ensino/aprendizagem, provocando e estimulando o aprimoramento do espírito crítico dos alunos, mas também a produção de uma consciência histórica mais voltada para os problemas sociais em múltiplos contextos de experiências de vida.

Nesta perspectiva, a evolução do docente na sua prática de ensino também deve passar pela reformulação da linguagem, pois termos, palavras, noções e conceitos se transformam com as mudanças que ocorrem na sociedade. Além disso, há um universo de termos e palavras que acompanham as ferramentas tecnológicas que são inseridas no vocabulário dos indivíduos e expressos na sala de aula pelos alunos. A atualização da linguagem torna-se um fator determinante para o sucesso das aprendizagens no espaço escolar. Uma formação continuada em ensino de história deve ter a preocupação com a revisão da linguagem histórica. Afinal,

Ensinar conceitos históricos é uma ação complexa, pois os alunos precisam apreendê-los a partir de sua realidade local e de acordo com as particularidades de cada fase de aprendizagem. Isso também faz com que os professores tenham que estudar e entender os conteúdos/conceitos históricos, sistematizá-los, criar metodologias de ensino para só então apresentá-los aos alunos [...] (VEDOVOTO, 2018, p. 23).

Estas e outras problemáticas tem sido apontadas pelos mestrados quando das atividades nas disciplinas trabalhadas no Profhistória. Diante da situação o Mestrado Profissional em Ensino de História tem incentivado pesquisas fundamentadas pela historiografia, documentos e relatos de experiências na Educação Básica, em escolas públicas municipais e escolas do estado de Mato Grosso do Sul. O exercício semanal, no Profhistória, a partir das disciplinas e troca de experiências, possibilita a articulação entre conhecimento científico e práticas

docentes e tem mostrado a importância do Programa do Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória, para a formação e qualificação dos professores que atuam na Educação Básica, mas também, que a integração entre Universidade e Sociedade, conhecimento acadêmico e saberes mobilizados, conteúdos curriculares e práticas docentes, devem ser o caminho para se repensar as condições de trabalho, as vias de possibilidades do diálogo entre poderes instituídos, a implementação da valorização dos profissionais enquanto sujeito histórico capacitado para a formação do “cidadão crítico” e a importância do conhecimento histórico para a promoção de políticas públicas, igualdade social, combate ao preconceito e a violência.

Na esteira destas constatações quero colocar algumas observações sobre a experiência que foi a oferta do Curso de Aperfeiçoamento em Ensino de História para Professores da Educação Básica. A proposta nasceu de uma demanda que vinha dos professores que trabalham nas escolas públicas da Educação Básica no município de Amambai, em Mato Grosso do Sul. Inicialmente pensei em ‘propor um curso de formação continuada de curta duração, que tivesse como objetivo fazer uma atualização de conteúdos dos currículos de História.

Elaborei então um projeto de extensão, que é uma dos pilares das Universidades, com os seguintes objetivos: 1) criar um espaço de aperfeiçoamento e atualização dos conteúdos de história para os professores que atuam na Educação Básica; 2) estabelecer a interlocução entre o campo historiográfico e o saber docente, visando a sala de aula da Educação Básica; 3) promover a interação entre os professores que atuam na Educação Básica e os docentes do ProfHistória; e 4) debater, refletir sobre a importância da continuidade dos estudos, considerando que muitos docentes da Educação Básica encontram-se afastados da academia há vários anos.

Optei por ofertar um curso de Aperfeiçoamento em Ensino de História para Professores da Educação Básica de média duração, ou seja, com uma carga horária de 180 horas divididas em aulas presenciais, realizadas as sextas-feiras e sábados, que é quando os professores da Educação Básica poderiam participar sem comprometer seus afazeres nas Escolas.

Para minha surpresa matricularam-se no Curso professores formados em outras áreas do conhecimento, como pedagogia e ciências sociais, e alguns vieram

dos municípios vizinhos, o que foi motivador. Contando com a cooperação do corpo docente do Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória, dos Curso de História e Ciência Sociais, utilizei como metodologia os módulos para desenvolver os temas e subtemas ou conteúdos conforme as áreas de formação de cada docente ministrante. A proposta de metodologia de ensino para o desenvolvimento das atividades em sala de aula para o Curso de Aperfeiçoamento foi a mesma para todos os professores, ou seja, seguimos a mesma metodologia para ensinar os temas e subtemas ou conteúdos de História selecionados previamente e que consistiu basicamente na elaboração de exercícios objetivos e subjetivos (preparação de aulas práticas). Seguimos a seguinte proposta dos conteúdos de História:

Modulo I - História e construção do conhecimento históricos:

- as concepções de fato histórico, as relações entre experiência e conhecimento histórico;
- o conceito de documento histórico, suas formas, usos e funções na construção do conhecimento histórico e no ensino/aprendizagem da história;
- a narrativa na produção do conhecimento histórico, diferenças e conexões entre narrativas historiográficas e narrativas didáticas;
- operação historiográfica.
- as variações sociais e culturais das percepções do tempo;
- as relações entre passado, presente e futuro e as concepções de história;
- as durações e ritmos do tempo histórico - permanências, rupturas, diacronias, sincronias;
- as formas, usos e funções de calendários e periodizações no ensino/aprendizagem da história.
- Tempo histórico e experiência.
- Consciência histórica.

Módulo II: História Contemporânea e Ensino de História:

- Representação; guerras mundiais; narrativas históricas;
- Ensino de história e consciência histórica;

- Direitos de esquecimentos e a escrita da história.
- Semelhanças/diferenças, permanências/mudanças, na sociedade brasileira ao longo da sua formação histórica.
- Especificidades de uma história colonial e imperial do Brasil.
- Transformações no século XX em território brasileiro
- Cultura e modernidade em tempos de globalização
- Ensino de História e processos de construção e reconhecimento das diferenças e identidades individuais e coletivas no país.
- Formação de professores e ensino de história do Brasil: impactos nos saberes e práticas docentes.
- Ditaduras militares; identidades sociais, presentísmo
- Ensino de história e narrativas do livro didático.
- O uso das imagens no ensino dos processos ditatoriais.

Módulo III : Ensino de história, cidadania e práticas na educação básica:

- as relações entre política, usos do passado e da memória nos processos de divulgação e apropriação do conhecimento histórico; usos da imagens no ensino de história;
- as mídias sociais e o exercício da cidadania, seus impactos e desafios para o ensino da história.
- diferentes concepções sobre o ensino, a aprendizagem e os conhecimentos históricos necessários para a história escolar.
- O ensino de História no Brasil e as mudanças propostas pelas políticas públicas educacionais após a sua implantação como disciplina (1937 IHGB - 2015 PNE)
- práticas e dilemas dos currículos de história na abordagem da diversidade cultural e das pluralidades identitárias na atualidade;
- políticas públicas educacionais; formação de professores e ensino de história.

Módulo IV: Diversidade cultural, sociedade, educação:

- Trajetória histórica da construção da diferença dos indígenas (por não indígenas) na formação social brasileira;
- Ensino de história e cultura indígena.
- História oral e memória.
- História, memória e construção da identidade/alteridade.
- Usos do passado e memória.
- legislação e definição de parâmetros para o ensino de História da África e Cultura Afro-Brasileira.
- atuação de movimentos sociais e comunidades negras na construção do conhecimento nesse campo.
- ensino de História da África e Cultura Afro-Brasileira e suas consequências na formação de professores de História.
- questões raciais, preconceito e manifestações culturais.
- O ensino de ética na Educação Básica e a LDB.
- Dimensão ética no contexto educativo;
- Interdisciplinaridade, ética e cidadania.

Módulo V- História, memória e identidade.

- as relações entre memórias individuais e memórias sociais na construção do conhecimento histórico e no ensino/aprendizagem da história;
- os deveres de memória, direitos de esquecimento e a escrita da história;
- a educação patrimonial no ensino/aprendizagem do conhecimento histórico;
- usos e funções da história nos processos de construção e reconhecimento de identidades individuais e coletivas.

Importante destacar que a metodologia de ensino por módulos com temas e subtemas facilitou a aprendizagem, mas, sobretudo, dinamizou os debates em sala de aula, pois todos participavam na elaboração dos exercícios e apresentavam os resultados conforme seus conhecimentos, percepções e interesses. Assim, posso dizer que a experiência e os resultados foram extremamente positivos para os docentes que ministraram os temas e subtemas ou conteúdos, pois puderam mediar

as discussões a partir dos exercícios elaborados, os quais articulavam mais de um conteúdo o que permitiu aos professores/alunos transitar entre temas e subtemas ou conteúdos correlatos, facilitando com isso a compreensão das questões propostas. Cabe também destacar que tivemos a participação de professores que ministram aulas para as séries iniciais na Educação Básica. Em sua maioria são formados em pedagogia e tem a tarefa de ministrar conteúdo das diferentes áreas do conhecimento. Em contexto múltiplos de aprendizagem esses professores vislumbraram no Curso de Aperfeiçoamento uma oportunidade para aprofundar seus conhecimentos em História, o que foi muito profícuo para os debates, pois contamos com uma diversidade de profissionais engajados em demandas educacionais bastante variadas e complexas. A metodologia adota possibilitou aos professores/alunos da Educação Básica, que participaram do Curso de Aperfeiçoamento em História, se sentirem como os sujeitos das ações, da produção do conhecimento e de novas metodologias para o ensino de História na Educação Básica.

3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Hoje já contamos com professores comprometidos com o domínio de novas habilidades e competências no ensino da disciplina de história. Os resultados deste comprometimento com o fazer/ensinar aparecem também na escolha de metodologias que contribuem para o aluno

[...] refletir sobre algumas informações, tanto atuais quanto passadas, sob uma perspectiva histórica não-linear, em que, ao mesmo tempo, conceitos já possuídos seriam refinados e outros construídos, nas diferentes operações de leitura e representação do real (ROCHA, 2002, p. 65)

Assim, pode se dizer que as experiências em sala de aula têm valorizado o saber escolar tanto quanto o saber científico que o professor domina e utiliza em sala de aula. Entretanto, é precisamos considerar que um curso de mestrado ou de formação continuada será uma boa forma de capacitar o professor para desenvolver e aplicar em suas aulas novas metodologias que contribuam para tornar o processo ensino/aprendizagem mais dinâmico e democrático, uma vez que, as experiências

comuns entre professor e alunos, também servem para aperfeiçoar as interpretações históricas sobre os acontecimentos do passado e as perspectivas de futuro. Afinal, “em situação de ensino, há a necessidade de domínio da natureza específica do conhecimento histórico, além do desafio de saber como introduzir e encaminhar as tarefas de aprendizagem para alunos de diferentes idades e condições culturais” (BITTENCOURT, 2011, p. 192)

As transformações vividas pela sociedade nessas últimas décadas, em seus mais diversos aspectos, nos conduzem a um processo progressivo de questionamentos das diferentes estruturas do saber consagradas ao longo do tempo, frente a isso verificamos que há uma crescente tendência de introduzir as novas tecnologias de informação e comunicação na prática pedagógica. Parte dessas iniciativas é oriunda de medidas governamentais e outras de setores da educação privada, atendendo as demandas cada vez maiores de pais e alunos.

Para bem ensinar é preciso que o professor tenha recebido uma formação adequada e que consiga por meio das metodologias do ensino de história produzir histórias que reflitam questões relacionadas com o presente, passado e futuro.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L9394.htm> Acesso em: 15 dez. 2018.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2011..

_____. Reflexões sobre o Ensino da História. **Revista Estudos Avançados**, v. 32, n. 93, 2018.

CERRI, Luis Fernando. **Ensino de história e consciência histórica: implicações didáticas de uma discussão contemporânea**. Rio de Janeiro: FGV, 2011.

VEDOVOTO, Felipe Silva. **O ensino de História nos anos iniciais: desafios e prática docente em Mato Grosso do Sul**. 2018. 153 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Amambai, 2018.

FONTANA, Josep. **A história dos homens**. Trad. Heloisa Jochims Reichel e Marcelo Fernando da Costa. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade**: presentísmo e experiências do tempo. Trad. Andréa Souza de Menezes... [et al.]. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Org.). **História**: novos problemas, novas abordagens, novos objetos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. v. 3.

MONTEIRO, Ana Maria. **Professores de História**: entre saberes e práticas. Rio de Janeiro: Mauada X, 2007.

MORIN, Edgar, CIURANA, Emilio-Roger; MOTTA, Raúl Domingo. **Educar na era planetária**: o pensamento complexo como *Método* de aprendizagem no erro e na incerteza humana. Trad. Sandra Trabuco Valenzuela. São Paulo: Cortez, 2003.

PERRENOUD, Philippe. **Novas competências para ensinar**: convite à viagem. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artmed, 2000.

ROCHA, Ubiratan. **História, currículo e cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2002.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica**: teoria da história: os fundamentos da ciência histórica. Trad. Estevão de Resende Martins. Brasília: UnB, 2001.

_____. **Jörn Rüsen e o ensino de história**. Trad. Marcos Roberto Kusnick [et. al.]. Curitiba: Ed. UFPR, 2010.

SANTOS, Maria Aparecida de Lima. Reflexões sobre o processo formativo de docentes em contextos mediados pela língua escrita. **Revista História & Ensino**, Londrina, v. 24, n. 1, p. 83-110, jan./jun. 2018.

Artigo recebido em: 18/12/2019

Artigo aprovado em: 18/02/2020

Artigo publicado em: 02/03/2020